

O tempo e a sala, de Botho Strauss

Francisco Cenci Dal Ponte¹

Gerson Roberto Neumann²

STRAUSS, Botho. **O tempo e a sala**. Tradução de Fernanda Boarin Boechat. Curitiba: Editora UFPR, 2024.

Botho Strauss, nascido em 1944, é um escritor alemão que atua como dramaturgo, romancista e ensaísta, tendo se destacado especialmente no teatro de língua alemã a partir da década de 1970. Sua obra alcançou ampla circulação e numerosas encenações sobretudo entre os anos 1970 e 1990, período em que se consolidou como uma presença central na cena teatral alemã contemporânea. Durante muito tempo, o autor figurou entre os cinco mais encenados na Alemanha, perdendo somente para Shakespeare, Goethe e Brecht.

Strauss estudou Germanística, História do Teatro e Sociologia nas universidades de Colônia e Munique, mas não concluiu a formação acadêmica. Entre 1967 e 1970, trabalhou como jornalista e crítico teatral da revista *Theater heute*. Em seguida, atuou como dramaturgo na Schaubühne am Halleschen Ufer, em Berlim, função que exerceu até 1975. Após esse período, passou a dedicar-se exclusivamente à escrita como autor independente.

Ao longo de sua carreira, Botho Strauss publicou um grande número de peças teatrais, textos em prosa, romances, narrativas curtas e ensaios. Sua produção abrange diferentes formas literárias e foi amplamente encenada e debatida no contexto cultural alemão. Em 1993, um ensaio publicado na revista *Der Spiegel*, intitulado “*Anschwellender Bocksgesang*”, gerou grande repercussão e controvérsia no debate público devido ao

¹ Bacharelado em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: franciscodalponte@gmail.com.

² Professor associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Pesquisador Fundador do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: gerson.neumann@gmail.com. ORCID ID: 0000-0001-5809-6998.

caráter político conservador das críticas do autor à civilização moderna e à sociedade alemã contemporânea.

Strauss recebeu diversos prêmios literários e teatrais importantes, entre eles o Jean-Paul-Preis, em 1987, e o Georg-Büchner-Preis, em 1989. Atualmente, Botho Strauss é considerado o dramaturgo vivo mais importante em língua alemã, ao lado de nomes como Peter Handke, Nobel de Literatura em 2019.

O tempo e a sala foi publicado em 1989 e levado aos palcos pela primeira vez no mesmo ano, com a direção do cineasta suíço Luc Bondy (1948-2015). A presente resenha tem como base a tradução da obra para o português feita pela Prof.^a Dr.^a Fernanda Boarin Boechat, docente da Universidade Federal do Pará (UFPR), e lançada em 2024, pela Editora da UFPR.

Os fantasmas da Segunda Guerra Mundial ainda assombravam o continente, e a agitação social e política aumentava na Alemanha e no resto da Europa. Os sentimentos de incerteza, isolamento e solidão, o medo das rápidas mudanças das grandes metrópoles estão presentes no cerne do texto, evidenciados pela fala da personagem inicialmente chamada de A Menina da Rua, logo no início da peça:

A quem que eu não tive que me adaptar! Me adaptei ao homem complicado, sentimental e ao homem de negócios. Compartilhei os problemas dele. Estudei a maneira de verem o mundo, aceitei, fiz desta a minha. Respondi tanto ao calado como ao falador. Ajudei o infeliz e fui animada com o alegre. Com o esportista fui correr, com o que gostava de beber fui beber. Não sobrou nada. De nenhum. Rastro algum. Foi saudável. Aquilo que lá segurei com força lá deixei: aquilo que eu sou (Strauss, 2024, p. 28-29).

Podemos, então, já ter certa ideia das intenções do autor em retratar a desarmonia de um modelo de sociedade em colapso e registrar a percepção de inadequação perante o tempo e o espaço (como nos informa o título da obra), ajudando a compor o tom e até mesmo o cenário da peça.

Seguindo a marca do autor, *O tempo e a sala* apresenta uma série de encontros e desencontros entre os personagens, ora aparentemente desconexos, ora encaixados de forma estranhamente inquietante, realçando a falta de linearidade narrativa e, ao mesmo tempo, promovendo uma oscilação entre um plano possivelmente real e um de caráter quase onírico. Esse aspecto da obra foi, inclusive, alvo de críticas negativas a certas montagens do texto, visto como um conjunto de acontecimentos sem ou de igual importância para a história que se desenrola à nossa frente.

Essa flutuação permite um exercício de pensar outras formas de encarar o tempo, a história e a memória, conforme ressalta Stephan Baumgärtel:

A partir da convicção de que o mundo midiático capitalista produz um totalitarismo do presente que impossibilita enxergar qualquer contexto diferente do atual e assim fabrica processos de exploração cada vez mais introjetados na consciência humana, o dramaturgo busca maneiras de representar poeticamente uma compreensão da vida que escape dessa teia asfíxiante (Baumgärtel, 2024, p. 99).

A peça, dividida em dois atos e ambientada em um espaço descaracterizado, com exceção de duas poltronas, uma mesa e três janelas, nos apresenta “um entrelaçamento de dois contextos de vida e de duas qualidades de percepção temporal” (Baumgärtel, 2024, p. 103). São então introduzidos Marie Steuber, a figura considerada central na trama, e uma série de outros personagens que parecem transitar entre dois planos de existência intrincados.

No primeiro ato, em um espaço que faz lembrar uma sala de estar, separada do espaço da rua, dois personagens observam o lado externo e comentam sobre as figuras que passam por lá. Diferentes personagens que possuem nomes simbólicos (O Homem sem Relógio, A Mulher Adormecida, O Homem de Casaco de Inverno, A Impaciente) começam, então, a transitar pelo espaço interno, dialogando uns com os outros de maneira desconexa, falando ao mesmo tempo, indo e voltando em assuntos, tratando de eventos cuja veracidade não sabemos. Coexistem diferentes percepções de uma realidade que talvez não seja real.

A estrutura narrativa do primeiro ato coloca todos os personagens em uma existência alegórica e destaca o papel da memória na narrativa, conforme declara A Menina da Rua: “[...] a única coisa que temos são nossas lembranças. O que resta é: ficar olhando pela janela até que se suma de novo da face da terra” (Strauss, 2024, p. 29). A declaração vai ao encontro da visão crítica do autor em relação à maneira de ver, lidar e perceber as coisas na nova ordem social e política que estava sendo estabelecida na época. Ao final do primeiro ato, os personagens, até então nomeados apenas simbolicamente, chamam uns aos outros, no escuro, pelos seus nomes reais.

No segundo ato, temos uma série de cenas entre as diferentes figuras e Marie Steuber, em cenários da vida civil e, ao que tudo indica, do campo do real, ainda que persistam aspectos fantásticos na narrativa, comuns na obra de Strauss. Apesar do segundo ato acontecer em um contexto aparentemente concreto, não temos um desenvolvimento profundo ou complexo da psicologia e das motivações dos personagens que estão presentes na narrativa. O autor não fornece informações que ajudem o leitor a decifrar o contexto das interações, o que aconteceu antes e o que aconteceu depois.

Logo, sem um início, um meio e um fim, a peça do autor estabelece tempos distintos dentro do mesmo espaço. Um tempo que podemos considerar pertencente à ordem do simbólico, outro próprio do plano empírico. Ambos lidando com as mudanças de uma sociedade que se afasta cada vez mais de si própria e que parece se entregar cada vez mais ao desequilíbrio, criando um panorama que é marcado por relações impessoais e por uma falta de um passado vivido.

De modo geral, *O tempo e a sala* explicita as críticas de Botho Strauss à civilização moderna e à sociedade capitalista que estava assumindo uma forma concreta entre as décadas de 1980 e 1990, expõe a incapacidade de adequação social e psicológica dos sujeitos em relação ao tempo e ao espaço e ressalta a necessidade de um envolvimento efetivo com o outro.

De volta à tradução, é necessário fazer um breve comentário: como já mencionado inicialmente, a autoria é de Fernanda Boarin Boechat, docente da UFPR. A obra foi lançada em 2024 pela Editora da UFPR e faz parte da coleção *Dramas & Poéticas*, dedicada a textos teatrais e escritas poéticas de origem estrangeira e brasileira, inéditos ou ainda pouco conhecidos por um grande público. O trabalho, realizado especialmente para a montagem da peça dirigida pelo ator e diretor de teatro Leandro Daniel, em 2023, apresenta grande sensibilidade e inteligência e evidencia as ótimas escolhas tradutórias de Fernanda Boechat, resultando em um texto que consegue captar as intenções, o estilo e o espírito da obra de Botho Strauss.

Referências

BAUMGÄRTEL, Stephan. Posfácio: *O tempo e a sala* – a construção teatral-narrativa de uma percepção temporal não linear. In: STRAUSS, Botho. **O tempo e a sala**. Tradução de Fernanda Boarin Boechat. Curitiba: Editora UFPR, 2024. p. 97-114.